



SEU BAIRRO | Área com importantes monumentos e repleta de belezas naturais convive com os problemas típicos da capital baiana

Barra é a síntese da cidade



A balaustrada é símbolo do bairro da Barra. Foi colocada no início do século passado pelo engenheiro italiano Felipe Santoro, responsável por várias construções na cidade, como o Palácio da Aclamação, no Campo Grande

MARY WEINSTEIN
mweinstein@globo.com.br

Quem mora na Barra pode, e geralmente gosta, de fazer tudo a pé. Lá para ir aos supermercados, na Rua Barão de Itapua e Marquês de Caravelas; às pizzarias na Avenida Oceânica e Marquês de Leão; ao restaurante natural na Lord Cochrane; às barracas de frutas na esquina das ruas Dr. João Pondé, Belo Horizonte e final da Avenida Princesa Isabel. É, também, um prazer comprar peixe na mão de Seu Enoque, ou de antigos peixeiros remanescentes. Dá para fazer compras no Shopping Barra, Barra Center e em lojas que permanecem avulsas, como a Verushka, uma das primeiras boutiques da Bahia, contemporânea das lendárias Koisa Paka e Ivo e a Uva.

Tudo isso aumenta a intimidade do morador com o bairro, que dispensa grandes obras ou edifícios muito altos. A Barra está para Salvador assim como Ipanema está para o Rio de Janeiro. Seu charme, só maculado pela falta de se-

gurança e limpeza nas ruas, é por ser antiga e moderna, por merecer canções poéticas e por ser um bairro gostoso, mesmo. Há quem queira ficar na Barra de qualquer jeito, para sempre. E há quem, por um motivo ou outro, muda-se, deixando para trás uma história.

"Eu sou da turma do Porto da Barra. Nós continuamos nos encontrando. Todo dezembro, a gente faz um almoço. Eu morava em uma casa onde hoje é uma loja de ferragens, com um restaurante em cima, na Marquês de Caravelas. Eu sou do tempo que tinha lagosta no Porto da Barra", diz o flautista Tuzé de Abreu, 59 anos.

Daquele tempo para cá, a Barra, sem dúvida, mudou. O porto perdeu boa parte dos seus casarões e se deixou ocupar por todo tipo de comércio. No trecho da Avenida Oceânica, por exemplo, os estrangeiros tomaram conta. Tem pizza feita por italiano e hoteizinhos, pousadas e internet-cafés, prontos para receber turistas. Um desses empresários se empolgou e expandiu a sua propriedade, de forma ir-

A TARDE inicia hoje uma nova série de reportagens contando, a cada semana, a história de um bairro de Salvador, do ponto de vista das pessoas que trabalham nele e de seus moradores, com locais pitorescos, problemas de cada localidade, personagens conhecidos e outras informações.

ONDE MORO passa a sair sempre aos sábados, no caderno Salvador. Na estréia da série o tema é a Barra. Sábado que vem, será a vez da Ribeira, no Cidade Baixa.

regular para a calçada, onde plantou árvores, quase canteiros, para indignação de quem analisa a situação do outro lado da rua.

PEIXES - A prefeitura tirou o Mercado do Peixe, que ficava na frente do Forte de Santa Maria. Transferiu-o, em 1988, para a Ladeira da Preguiça e dali para Água de Meninos. Com isso, o hábito de comprar peixe na região da Barra quase acabou. "Sempre, a minha vida inteira, vinha a pé buscar peixe aqui, na mão de Protásio e de outros vendedores. Agora, esse pedaço está tomado pelos carros, pelos lumbelões químicos e por vendedores de qualquer coisa, sem que ninguém faça absolutamente nada", desabafou Anísio Freitas Gomes, 72 anos, morador da Barra há 80. Os comentários foram feitos quando ele comprava na feirinha da área (muito mirrada, por sinal).

Dali para o Farol, o caminho é de pedras portuguesas, nem sempre bem colocadas, mesmo que sejam a base de um movimentado calçadão. Entre um e outro, o Res-

taurante Petreia homenageia a vila, que era ali, e movimento que teima em ser agitada. A falta de contrapartidas comerciais.

Afonso Celso, uma loja sofisticada vende objetos trazidos do exterior. A porta indiana, toda trada, custa em torno dos R\$ 23 mil. Há vasos do Vietnã, armários japoneses e banquinhas chinesas, a maioria, sim, ser em qualquer da cidade. Mas a dona gosta da Barra. Ela morava em São Paulo com saudade de ver o "pôr-do-sol", disse a irmã da própria, Cristina Mello, 59 anos. Ela, a única coisa a lamentar é não ter um apartamento no meio-fio, buracos aliados por água e o péssimo aspecto e odor. Ela adora a Barra. Porque eu gosto de ver o mar quase em 360 graus. Estou no meio de um trânsito de monumentos históricos. Mas costumo ir a pé de um ponto. Moro e trabalho na Barra. É uma tristeza imensa por sua decadência", desabafa a filha, Arlete Soares, 67 anos. "O

claramente arrastado para botar camarotes. A mendicância nas ruas. Mesmo assim, eu gosto muito da Barra e não pretendo sair daqui. Tenho paciência para esperar que as coisas mudem", diz.

PROBLEMAS - Arlete observa que o bairro tem moradores de 30, 40 anos, mas que está cheio de "restaurantes ordinários e semi-ordinários, que jogam lixo na rua, e cachorros passam e espalham tudo". Com ironia, diz que "parece que voltou a fase do vestuário, porque ainda hoje passei pela Marquês de Caravelas e se vendia de tudo". Arlete conta que uma moça tirou pedras portuguesas para enfiar quatro pedaços de pau e fincar um tordo de plástico. "Acredite, assisti à cena. Tenho a impressão de que estão esperando o gabarito ser liberado para ajeitar a Barra. Tem a ver com o poder da grana. Da minha janela, vejo casacos d'água sem tampa. E esse mar lindo já começamos a botar barracas junto ao Farol. Se chegarem até aqui, aí realmente vou ter que me mudar", diz.

Forte de Santo Antônio da Barra acompanha a história do Brasil



Monumento é local de lazer e ainda orienta navios

O Forte de Santo Antônio da Barra foi construído 34 anos depois da descoberta do Brasil. E a defesa da área foi reforçada com a construção dos outros dois, o de Santa Maria e o de São Diogo. O farol foi acrescentado à estrutura original do Forte Santo Antônio no final do mesmo século, para orientar os navios que entravam na Baía de Todos os Santos, missão que é cumprida até hoje. Instalado sobre uma ture de alvenaria a 37 metros acima do nível do mar, o Farol do Forte de Santo Antônio da Barra foi o primeiro farol de todo o continente americano. O alcance é de 70 km para a luz branca e 63 km para a luz vermelha. O forte abriga o Museu Náutico da Bahia. Fica em frente ao Edifício Oceânica, que é um outro marco da cidade. Ver o pôr-do-sol no Farol é um grande programa. Curtir o vento e a paisagem ali é um dos maiores prazeres que a cidade oferece.

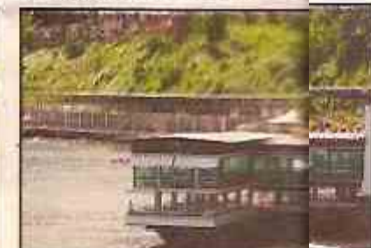
Um dos poucos cemitérios marinhos existentes no País



É possível visitar o sítio restaurado

O Cemitério dos Ingleses, na Ladeira da Barra, conserva sepulturas de valor histórico e artístico, de ingleses e judeus. A de Edward Pellew Wilson, por exemplo, é decorada com a escultura de uma mulher sentada, chorando. É um mármore de carrara, em estilo típico da escola neoclássica do século XIX. Este empresário inglês permaneceu aqui e construiu a antiga casa na Vitória, posteriormente comprada pelo cardeal Augusto Álvaro da Silva. O cemitério foi descrito pelo poema de Paul Valéry, traduzido pelo também poeta e diretor do antigo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), Godofredo Filho. É de 1814, e 190 anos depois foi restaurado pela Fundação Mariani. De acordo com Maria Clara, que esteve à frente do projeto, o cemitério pode ser visitado - basta chegar à porta e falar com o funcionário para poder entrar.

late Clube tem a beleza de Baía de Todos os Santos ao seu redor



O restaurante "em balanço" debruça-se sobre o mar

Fundado em 1935, onde antes funcionava a fábrica de xales, o late Clube, hoje, tem três mil metros quadrados de área. Foi construído em uma malhada da Ladeira da Barra e o mar e teve entre os arquitetos Silvio Roberto e Ivan Sarmiento. O restaurante em balanço, dois flutuantes, na piscina, que antigamente era com água do mar, e uma piscina náutica por excelência - tudo isso o clube tinha uma relação com embarcações. Funciona como um clube social. É muito bem-localizado, tem um mar maravilhoso. Informa o gerente-geral Antônio Fernando de Moraes, o empresário Gustavo Barros, que contou com figuras-chave da sociedade baiana: Fralão Gama Lobo, Mário Muricy, Ivan Sarmiento e Milton Tosta.

Porto da Barra: praia urbana de águas calmas e público eclético



Tranquilidade do mar agrada a frequentadores

A praia de águas tranquilas entre os fortes de Santa Maria e de São Diogo é um capítulo à parte no bairro da Barra. Fica praticamente no centro da cidade e nela pode-se assistir ao pôr-do-sol. É frequentada por vários grupos urbanos. Moradores dos subúrbios, intelectuais, gays, jovens mães, nênis e praticantes de esportes se sentem à vontade. Nos anos 70 e 80, era o centro criativo do desbunde baiano e da contracultura, onde o pessoal de teatro, música e dança se encontrava. Foi naquela época que Caetano, frequentador assíduo, cantou "domingo no Porto da Barra pesada todo mundo agrada ao gosto e ao alhar...". Em 2004, a prefeitura quis substituir a sua tradicional e histórica balaustrada, de onde muita gente ainda se debruça para paquerar ou esperar ônibus. A idéia foi abandonada depois de a mídia bradar e fazer campanha contra.